

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

VI

Nesta série de artigos, escritos ao correr da pena, não com aqúella maestria tão só dos profissionais do jornalismo, mas guiados, apenas, pela nossa consciência, declaramo-nos, desde o princípio, em desacôrdo com os partidários da intervenção directa do *partido*—permita-se-nos o termo—na actual conflagração. Individualmente, porém, cada um é senhor de si mesmo e assiste-lhe o direito de dispôr como quizer ou melhor entender da sua vida, embora em harmonia com as doutrinas anarquistas.

Entre os partidários da intervenção e os indiferentes, isto é, os que deixam singrar o barco ao som das ondas, nós preferimos os primeiros aos segundos, pois, que estes, aferrados ao proverbial não tales, jámais se convencerão de que é uma necessidade combater a guerra, ao passo que aquelles apenas se convencem de que labram no erro, virão para o nosso lado combater com o entusiasmo que os caracteriza, agindo enérgicamente de acôrdo connosso. Certo que o erro é lamentável; mas ninguém deve ser condenado só porque errou; e a sua condenação só poderia tomar apparencias de justa quando, tendo reconhecido o erro, persistissem nele.

Errare humanum est, diz a filosofia do povo; e nós não somos tão intolerantes que repudiemos em absoluto aquélla máxima latina.

O que os outros dizem e fazem não nos leva a lançar anátemas e excommunhões infalíveis sobre os que enveredaram por um caminho tortuoso.

Não nos cega o facciosismo de seita, nem o nosso temperamento permite que façamos côr com os que duma maneira mais ou menos dura apreciam a attitude dos intervencionistas, sendo o nosso objectivo, em resumo, demonstrar que a guerra européa é, como todas as guerras, uma luta de antagonicos interesses capitalísticos e nunca de libertação, e que, por esse facto, os anarquistas se devem abster de participar d'ella, pois de qualquer lado que se coloquem estarão sempre em opposição aos verdadeiros interesses do proletariado.

O estafado bordão de que é uma necessidade inelutavel o aniquilamento do militarismo tudésco é um ardil demasiadamente grosseiro. E' que para o aniquilar, ajudando os aliados, é inconfutavel que reforçarão qualquer dos outros militarismos, seja elle inglês, francês ou russo, dando-se o caso, um tanto ou quanto paradoxal, de nos libertarmos duma epidemia com outra epidemia.

Mas, adusem os intervencionistas, esmagado o militarismo alemão, nós trataremos de esmagar o que se manifestar mais potente. A tésé é difficil de defender, visto que, embodidos na luta, passar-nos-ia despercebido este ponto capital: o tempo que gastarmos em esmagar o segundo militarismo será sufficiente para que o primeiramente aniquilado se refaça da derrota e nos surpreenda pelas costas quando, para de novo lutarmos com elle seja tarde de mais. Além disso a nossa tarefa eternisar-se-ia e nós terminariamos por ser reduzidos á expressão mais simples, redundando inútil todos os nossos sacrificios.

Outro aspecto do conflijo já nas colunas da «Aurora» o salientamos. O poder *espiritual* do sumo representante da igreja católica, apostolica, romana, será um duro freio para os revolucionários dos países para cujo lado o santo padre se inclinar, e designadamente para os italianos que são quem mais proximo de si tem o centro motor do poder papal, que, ameaçada por qualquer movimento revolucionário a integridade da igreja, solicitará *in continenti* o auxilio dos seus aliados temporais.

E a França? Ah! a França! Nós não confundimos Estados com Povos. A França é alguma coisa, mas não é tudo. Para nós convenceremos de que a França não é um país tradicionalmente revolucionário, basta-nos ler Edgard Quinet, na *Historia da Revolução Francesa*; e cometemos um erro se julgamos que o povo francês é

um povo eleito para redimir os demais povos. Não negamos, porém, que desde a grande revolução o povo francês tem prestado á humanidade relevantes serviços. 89, 48, 71 não se esquecerão facilmente; mas nem só a França se deve a nossa civilização. Para ella teem concorrido, por assim dizer, quase todos os povos europeus.

Todas as nossas simpatias, derivadas talvez das afinidades de raça, convergem para a França, para essa França popular que sacrificou muitos dos seus filhos em holocausto á liberdade; e quando ha anos Krapotkine aconselhava a defesa da França, numa carta ou artigo, o dr. João de Menezes, parece-nos que na *Lucta*, estabeleceu um paralelo entre o modo de ver do nosso camarada russo e o dos anarquistas portugueses na maneira como um e outros interpretavam a Patria e a Republica e a sua defesa.

Já então nós, o mais humilde e ignorante, sem modéstia, creiamos—dos anarquistas portugueses, replicavamos ao sr. *Conselheiro* que Krapotkine aconselhava a defesa da França, por a França ser o que de facto é, não por a França ser uma Republica, nem tão pouco uma Patria. Assim, fica aclarado o nosso objectivo no que se relaciona com a guerra.

Gulpilhares, 1915.

GIORDANO BRUNO

Acêrca do congresso

Promovido pelo Ateneu Sindicalista de Ferrol deverá realizar-se, nessa localidade, como é do dominio de todos, um congresso internacional das forças revolucionárias no dia último do mez corrente e no primeiro e segundo de Maio próximo.

Da effectivação dessa grandiosa reunião—como é dado esperar pelo entusiasmo despertado e pelas adesões recebidas—decerto alguma coisa de pratico e útil resultará conducente ao fim desejado. Mas, muito embora os meios a adoptar tendentes á cessação da horrorosa carnificina e á repetição de idénticas façanhas, não sejam exequíveis, a celebração do congresso não será improfiqua, despida de vantagens; não se aventarão trabalhos, aclararão idéas e delinearão attitudes aproveitáveis de futuro, mórmente para a organização e solidariedade do operariado internacional.

Além disso teremos esboçado uma rasgada, expressiva e ingente afirmação de princípios e contribuído a favor da paz, á *outrante*, conformemente, a nossa pujante energia e a decidida actividade que nos anima, comprovando a unidade moral de todos os libertários e desmantelando a—já resmo-neada—falência revolucionária.

Perante as graves conjunturas do momento, agora que a humanidade se encontra na contingência de regressar a um passado de obscurantismo e barbarie e ficar condenada á perda das conquistas realisadas no campo das idéas progressivas, o povo trabalhador, sem distincão de raças, deve acudir a formular o seu protesto veemente e indignado, afirmando duma maneira inequivoca e conclusante, que está vigilante e disposto a intervir, como fór necessário, e ir até onde necessário fór.

Nesta hora trágica de responsabilidades, em que corre abundantemente o sangue de irmãos nossos, em holocausto á infame classe burguesa, que ninguém perjure a missão grandiosa e indeclinavel de libertação e vindicta.

Que todos recordem que os aspectos a tomar e os resultados da tremenda luta dependem da acção que o operariado fór capaz de desenvolver.

Do congresso de Ferrol outra obra de manifesta grandiosidade temos a esperar: o estabelecimento duma aproximação ibérica entre os trabalhadores, cuja necessidade se revela, para a defesa de direitos comuns no interesse geral do proletariado da Península. Lançando-se as bases dum en-

tendimento entre os trabalhadores portugueses e hespanhois ter-se-há apianado caminho, trabalhando para uma solidariedade mais vasta: a unificação do proletariado mundial.

Aos elementos libertários, cabe um importante papel nesta obra.

Que todos contribuirão na medida das suas forças, esperámo-lo.

Avante, pois, pelo Congresso!

A. A. NUNES

CARTA DE MADRID

O grupo anarquista *Los Iguales*, com a adesão de muitas sociedades operárias desta capital e de toda a Espanha, realisou, no passado dia 28, um grande comicio para reclamar a libertação dos presos por questões sociais.

Impontentemente concorrido, neste comicio, em que usaram da palavra muitos camaradas nossos, atacou-se severamente o celeberrimo decreto de amnistia de 28 de Novembro, o qual só serviu a políticos e a arrivistas que foram postos em liberdade, quanto aos nossos camaradas, esses continuaram na mesma: ninguém lhes abriu as portas da prisão.

Por outro lado, a policia redobrou de ferocidade, perseguindo e prendendo todos os individuos que intemeratamente lutam pela emancipação dos oprimidos; nas greves, então, acutila canibalescamente os pobres operários que reclamam mais um bocadinho de pão. A situação é, portanto, intoleravel e no comicio todas estas patifarias cometidas pelas autoridades locais de harmonia com os governos, foram postas a nú.

Tambem usou da palavra o deputado republicano Barriobierro que deu uma tunda formidavel nesta monarchia carcomida, e afirmou que o triunfo do proletariado só se pode conseguir por meio da revolução.

A este comicio, outros se vão seguir; e creio que desta agitação algum proveito advirá, não só para a nossa causa como para libertar os nossos inolvidaveis companheiros das garras sinistras da autoridade.

Ai vai um exemplo sublime que to los os operários devem conhecer.

O governo determinou conforme a sentença dos juizes, que duas mulheres de Pontevedra fossem garrotadas, para expiarem assim um crime que lhe imputavam. O povo daquela localidade protestou solenemente contra o acto—visto que a um crime não se deve responder com outro crime—mas o governo fêz ouvidos de mercador.

Então, como era preciso construir ali um cadafalso para o crime se levar a effeito, os negociantes recusaram-se a vender a madeira necessária, isto porque, em antes desse jesto, os trabalhadores se negaram terminante a cooperar na construção dessa maldita maquina de morte. O mesmo fizeram os trabalhadores doutras localidades, os quais declararam publicamente que não consentiriam que os seus irmãos do trabalho auxiliassem o governo numa obra que representa o retrocesso da civilização e do progresso.

Em face do que se passou e do movimento de protesto cada vez mais grandioso, o governo não teve outro remédio senão lançar mão dum decreto e dar o dito por não dito, pondo as duas mulheres em liberdade. As justissimas reclamações dos que trabalham tiveram, por esta forma, uma solução lógica e conforme: as mãos assassinas do carasco não se tingiram no sangue preciosissimo dessas duas victimas do pútrido meio social presente.

Trabalhadores! Ponde os olhos neste exemplo, e vede como a vossa força é poderosa e magnánima. O ponto está em saberdes usar dela.

J. DA SILVA OLIVEIRA

Pedro Krapótkine

No número de 28 de Março de *La Batallle Syndicaliste*, alguém que assina com a inicial G. deu-nos a triste noticia duma grave enfermidade de Krapótkine, que sofrera uma demorada operação e ia sujeitar-se a outra. Receava-se muito pela sua vida, por dois motivos: a sua avançada idade e o abalo nele causado pelos acontecimentos. Circunstancia esta muito natural num homem de grande coraçào, como Krapótkine. E qual o homem sincero que, nestes ultimos tempos, não deve aos acontecimentos insónias e torturas? Não se disse o mesmo de Lorenzo?

Dando-nos a noticia, G. julgou a propósito—bem fora de propósito—falar da contenda relativa á guerra. Segundo elle, «Krapótkine não pertence a esses socialistas e anarquistas que, por uma espécie de dogma antimilitarista, se esquecem facilmente de que são tambem revolucionários tendo o dever de defender os frutos das revoluções anteriores. Ora, precisamente, nós entendemos que quem se esquece disso—das revoluções passadas, presentes e futuras e seus frutos—são os outros, pondo-se ao lado dum grupo de Potências! Verdade seja que G. nos considera por isso «mais estreitos, menos perspicazes»—juizo que faz sempre, naturalmente, dos adversários.

Quanto ás «censuras amargas e insinuações múltiplas» que magoaram profundamente o grande coração e o elevado espirito de Krapótkine, não vimos muito disso, na imprensa anarquista; e se todas essas censuras e insinuações são tam verdadeiras como a que foi atribuida a *Volonté*, um dos jornais mais sérios e calmos na discussão que conhecemos, são então uma fantasia de amigos comprometedores, a quem faltam os argumentos. O que mais temos lido são carinhos as afirmações de respeito pela grande sinceridade e boa-fé indiscutíveis de Krapótkine.

Que alguns sectários tenham soldado destemperos é muito provavel: é coisa inevitavel e não deve surpreender nem ferir um homem de alta condescendência pelas fraquezas humanas.

É possivel tambem que tenha sofrido, vendo que os anarquistas, salvo uma pequena minoria, não aceitaram o seu ponto de vista, do mesmo modo que a attitude de Krapótkine e outros precipitou a morte de Anselmo Lorenzo, segundo afirma a familia d'este; mas por outro lado, a discussão é-lhe certamente agradável e consola-o por certo o espectaculo de homens que não vão cegamente atrás de outros por mais estimados e reputados que sejam. Nem seria possível deter o pensamento e a discussão só para evitar desgostos aos amigos! Ninguém e pretende, sem dúvida.

Em suma, nesta questão, seriam bem dispensáveis certas afirmações, que parecem destinadas a servir de argumentos—aliás de bem mau gosto.

Publicações

A Verdade—Panflêto mensal de que é autor o senhor Valentim Rodrigues Barroca, do visinho concelho de Gaia. A leitura do número que temos presente, deixou nos mal impressionados: a lógica parece-nos estrambótica de mais; o ataque estapafúrdio em extremo. O panflêto requer cuidado e estudo na sua maanufatura. E' o que a *Verdade* não tem. Isto o dizemos com aquélla sinceridade que nos caracteriza.

A sua redacção é na rua Luis de Camões, 256, Gaia.

Na Barricada—Com este titulo e com o subtitulo «A quinzena social», iniciou no Rio o camarada Orlando Correia Lopes, nome que os nossos leitores já conhecem, a publicação dum panflêto quinzenal (Rua Visconde de Itamarati, 70, Rio de Janeiro).

Orlando Correia Lopes começa por apresentar as razões desta publicação; mas isso no fim de contas, pouco nos importa. O que se quer é que ella faça bom serviço, coisa que fica desde já garantida com o primeiro número acabado de chegar ás nossas mãos. Elegante veste tipográfica, ele-

gante formato, riqueza e justeza de ideas, estilo vivo e límpido, assuntos variados e bem tratados—são qualidades bastantes para o bom desempenho da sua missão.

Além de questões brasileiras, naturalmente tratadas de modo que nos interessam a todos nós, os que fora do Brazil travamos o mesmo combate, o primeiro número occupa-se de assuntos internacionais, como a guerra, e dedica duas interessantes páginas á situação política em Portugal.

Que a nova publicação amigavelmente viva por muitos anos—e nós que lheos contemos, claro está!...

Reivindicador—Assim intitulado, começou a publicar-se nesta cidade um quinzenario defensor dos officiaes de barbeiro.

A sua redacção é na rua de Cedofeita.

O Caixaero do Sul—Com o titulo acima tambem encetou a sua publicação em Beja um quinzenario defensor dos empregados no commercio.

Tem a sua redacção na rua da Ferraria, 5—1.º

Avantel...—E' esta a denominação dum quinzenario socialista de Lisboa.

Encontra-se instalado na rua do Bemfornoso, 150—1.º

Saudamos os novos colegas e com satisfação permutaremos.

Vida Anarquista

Propaganda Libertária.—Hoje pelas 20 horas reúne este grupo no local do costume. Em virtude da importancia dos assuntos a tratar, espera-se que ninguém falte.

União Anarquista Comunista da Região do Sul.—Hoje realisa-se na Travessa Agua de flor, 55, uma reunião promovida por esta União afim de se tomarem deliberações sobre o Congresso Internacional que ha-de celebrar-se no Ferrol nos dias 30 de Abril e 1. e 2 de Maio próximos. Necessita-se, portanto, a comparencia de todos os camaradas, agrupados ou não.

A todos os camaradas que em seu poder conservem listas, com ou sem donativos, para o custeamento das despesas com os delegados a enviar ao Congresso Anarquista que se devia ter effectuado em Londres em Agosto do ano findo, pede se para que as remetam, endereçando-as ao secretario para tal fim incumbido.

Os camaradas desta União foram no domingo transacio a L'ires, em missão de propaganda, realisando na secção da Construcção Civil dessa vila, uma sessão de propaganda doutrinaría que esteve concorridissima. Falaram os camaradas: B. Santos, M. Campos, A. Figueira e Cruz, que fizeram uma larga e clara exposição do ideal libertario e atacaram com veemencia as classes dominantes que lançaram os trabalhadores da Europa na mais tigrina luta que a humanidade conhece. Fez-se, em uma bela sementeira das ideas emancipadoras.

Tambem esta União levará á pratica dois comicios publicos a favor da paz, um em Setubal, no dia 1 de Maio e outro em Lisboa no dia 2 do mesmo mez. Para se fazer profundamente distribuir esta sendo impresso um manifesto, afim de preparar a opinião pública para os comicios que se esperam effectuar.

Filhos da Comunidade—(Foz)—Reuniu no último domingo para se occupar de vários assuntos, entre elles aprovar as contas da receita e despesa.

Recebido dum sorteio	12,005
de cotisação voluntária	2,475
auxilio	5,470
Soma	20,950

Gasto com dois camaradas que se ausentaram	22,571
Deficit	2,621

Nucleo Juventude Libertaria (Lisboa)—Iniciara brevemente uma serie de conferencias, sob diversos temas tais como: *Neomalthusianismo, A questão religiosa perante a evolução social, Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo, A emancipação da mulher*, etc, etc.

Prevenimos os camaradas associados que está aberta a inscri-